



Leite Machado, M.
Rainha Santa Isabel

PQ
9261
L424R3



RAINHA
SANTA ISABEL

DRAMA HISTÓRICO EM 4 ACTOS

POR

M. Leite Machado

Author de varias obras litterarias



LISBOA
TYPOGRAPHIA NOVA MINERVA
150, RUA NOVA DA PALMA, 154

1882



11- Novembro - 1761

RAINHA

SANTA ISABEL



RAINHA

SANTA ISABEL

DRAMA HISTORICO EM 4 ACTOS

POR

M. Leite Machado

Author de varias obras litterarias



LISBOA

TYPOGRAPHIA NOVA MINERVA

150, RUA NOVA DA PALMA, 154

—
1882

PQ
9261
L424R3



EXORDIO

Ahi vae o meu pobre drama correr o mundo litterario, como peregrino desprotegido, que apenas pôde ir confiado na sua firmeza e boa vontade !... Oxalá possa elle encontrar leitores benignos e amantes da moralidade que tão engeitada se vê nos tempos que atravessamos !...

Serão faltos de erudição os meus escriptos, e terão outros mais defeitos, mas de immoraes ninguém com verdade e justiça os poderá accusar perante a opinião publica. No tempo em que os theatros eram um passa-tempo honesto, uma escola emfim, dos bons costumes ; foram os meus dramas representados no Rio de Janeiro com bastante successo ; mas logo que a comedia burlesca e o melodrama francez invadiram a scena portugueza, ficaram condemnados ao esquecimento, como succedeu aos de outros auctores de muito mais subido quilate !... Se fosse possivel voltar a este mundo o sempre memoravel Almeida Garrett, e observasse o caminho que levaram as suas reformas theatraes, de certo tornaria logo a morrer de pejo e de indignação !...

O que será feito dos opulentos dramas do sr. Mendes Leal e de tantos outros notaveis escriptores que enobreceram sobremodo a scena do theatro nacional ? !...

É incrível o retrocesso que se tem operado desde alguns annos a esta parte, e tudo accusa um desvario, para não dizer um crime de lesa-moral!... Será porque o publico perdesse o gosto do que é elevado e nobre? Se assim é, a culpa não é d'elle, mas de quem menos escrupuloso lhe pôz'a taça do ridiculo aos labios.

Eu sempre prezei sobre tudo a moral publica, convencido de que sem ella a sociedade correria o risco de abysmar-se no barbarismo de outras eras de que a historia sagrada e profana nos transmitiu mui larga copia. Porventura será moralidade, transformar-se um escriptor em vendilhão do templo, esquecido da sua nobre missão, chegando até a devassar a vida intima das familias, e calumniando muitas vezes o que ha de mais respeitavel em nossas instituições, unicamente para se tornar-mais saliente, e poder colher indignamente o mais deshonrado fructo de seus escriptos? ! Eu nem ao menos posso conceber ainda a esperança de ver representado este meu pobre drama em quanto durar este estado de cousas, e comtudo não pude furtar-me ao desejo de dar-lhe publicidade, em razão de ser elle o derradeiro fructo das minhas lucubrações dramaticas, que offereço á minha querida patria, como seguro penhor do meu reconhecimento e gratidão, a quem peço unicamente em troca o mais humilde dos jazigos para esconder meus ossos á profanação dos seculos.

PERSONAGENS

RAINHA SANTA IZABEL } — Reis de Portugal.
D. DINIZ }

D. AFFONSO — O principe seu filho.

ELVIRA — Dama de honor.

CONDE DE TORRES — General do principe.

MARTIM AFFONSO — Escudeiro da Rainha.

MATHILDE — Dama da Rainha.

ESTEVÃO RAMIRES — Pagem do paço.

SAMUEL BARRETO — Dito.

SIMÃO VAZ — Mestre das obras.

JOÃO CALDEIRA — Mestre dos fornos da⁷/₅cal.

PADRE FRANCISCO — Parocho de Alemquer.

CECILIA DE AGUILAR — Viuva.

SATANAZ E SEUS COMPANHEIROS.

TRES MINISTROS DE EL-REI D. DINIZ.

DOZE POBRES.

DOZE MENINAS ORPHÃS.

GENERAES E SOLDADOS DOS DOIS EXERCITOS.

A acção passa-se em Coimbra e Alemquer
pelos annos de 1300 a 1324.

THE
LIBRARY
OF THE
MUSEUM OF
COMPARATIVE ZOOLOGY
AND ANATOMY
HARVARD UNIVERSITY
CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS
U.S.A.

ACTO I

A caverna de Satanaz

O theatro representa um subterraneo allumiado por uma frouxa luz electrica côr de fogo. Portas lateraes e bronzeadas. Ao erguer do panno, apparece Satanaz sentado em uma grande cadeira forrada de preto, a modo de throno, tendo um forcado na mão. Todos os mais demonios, rodeando Satanaz, formam uma dança incorrecta, fazendo sempre varias momices. Depois d'isto, Satanaz, batendo com o forcado no chão, impoe silencio a todos os seus companheiros.

SCENA I

SATANAZ E SEUS COMPANHEIROS

SATANAZ

Agora, offereçam as obras d'este dia nos canticos de nossa lei.

CÔRO DOS DEMONIOS

Eis aqui os defensores
Das caldeiras do inferno,
Inimigos de Jesus,
E do velho Padre Eterno.

Sômos muitos, e podemos
Fazer guerra de extremínio,
Guerra, guerra, farricocos
Ao poder do seu dominio.

SATANAZ

(*Batendo de novo com o forcado no chão*).—Silencio! . . . Vamos dar começo aos nossos trabalhos. (*Os demonios ficam em grande silencio*). A rainha Isabel, meus bons companheiros, é uma alma temperada, para resistir aos nossos combates; bem sabeis que já tem dado mui grandes abalos ao nosso reinado, e tudo tem conseguido pela nossa negligencia. Metteu-se-lhe agora no corpo um ar de santidade que a não deixa nem ao menos respirar as nossas seducções, e d'este modo vae ella zombando das nossas astucias! . . . As suas obras de caridade já são muitas, e isto não póde ir mais por diante, cumpre que se lhe ponha quanto antes um teímo, porque taes exemplos em uma rainha, prejudica mais o nosso poder do que mesmo os livros dos maiores moralistas. Os reis, são um espelho fiel de seus subditos, e não é conveniente de modo algum, deixar progredir o credito d'esses taes que vão dando exemplos de moralidade ao povo, desviando-o d'esse modo de nossa influencia. Por esta rasão, vamos desde já tramar contra Isabel, uma grande conspiração, a fim de que ellei a deteste e lhe mande depois dar uma cruel morte, logo que possa suspeitar que ella seja pre-

jura com algum de seus domesticos. É preciso quanto antes indispor o escudeiro Samuel contra Ramires, em rasão de ser este pagem o mais estimado da rainha, sendo até o seu confidente nas obras de caridade para com os pobres. El-rei é muito zeloso de sua honra, e logo que lhe chegue aos ouvidos a mais leve suspeita, buscará logo vingarse da rainha e do pagem, e n'esse caso poderemos ser bem succedidos em tal negocio, ganhando o melhor dos triumphos, em augmento do nosso poder! . . . Não devemos, pois, perder tempo; e cada um vá cumprindo com os seus deveres.

ESPIRITO DAS TREVAS

Mui grande potentado, em obediencia ás tuas ultimas ordens, tenho trabalhado para trazer ao nosso partido o pagem Samuel; ainda ha pouco, quando elle passava ahi perto da nossa pousada, formei na sua frente mui grandes trevas, fazendo cahir muita chuva em forma de trovoada, obrigando-o d'esse modo a recolher-se a uma gruta, aonde eu logo lhe appareci na figura de um grande politico; e sondando bem as suas inclinações ambiciosas, reconheci que tinhamos n'elle um bom instrumento para as nossas machinações contra a rainha. Convidei-o a entrar para o nosso partido, promettedo-lhe em nome do nosso poder, o elevado cargo de primeiro ministro de el-rei D. Diniz; porém isso sob a condição de elle se pôr desde já ao nosso serviço. Creio que ainda irá perto; se queres o fa-

rei vir á tua presença, para melhor te entenderes com elle a tal respeito.

SATANAZ

Sim, vae busca-o sem demora, para que eu melhor o possa industrialiar em nossos trabalhos; não é bastante aquella vaidade de ser um grande ministro, é preciso tambem atemorisal-o com o nosso poder mysterioso, para que não cuide logo em nos atraíçoar; pois é bem preciso valer-mo-nos de tudo isso para conseguirmos os nossos fins. Os tonsurados não cessam de nos esconjurar por toda a parte, porém nós, com os nossos artificios, (*Sahe o Espirito das Trevas*) havemos em breve derrubar a cruz do Nazareno e triumphar de todos os nossos contrarios.

SCENA II

OS MESMOS, MENOS O ESPIRITO DAS TREVAS

ESPIRITO SEDUCTOR

Mui grande e poderoso potentado, tenho percorrido muitos reinos e cidades, e por toda a parte deixei muitas donzellas enganadas por seus affeíçoados, e tudo isso a titulo de casamento!... Eu espero que mui grande proveito havemos de tirar d'este negocio, em que eu tenho posto todos os meus cuidados.

SATANAZ

O grande conhecimento que tu tens das fraquezas humanas, ha de ajudar-te a vencer muitas difficuldades; eu assim o espero, e cumpre tambem não deixar em paz as mulheres casadas, porque não faltam meios de tentação; o luxo já é muito por toda a parte; e o luxo e a vaidade arrasta até algumas mulheres ao crime, obrigando muitas outras a esquecer os seus deveres por causa das modas! . . . É preciso ajudarmos as modistas a descobrir cousas bem exquisitas, a fim de podermos trazer continuamente o mundo domestico em grande revolução.

ESPIRITO DA DISCORDIA

Grande potentado, tenho percorrido todas as grandes capitães do mundo, e muitas discordias por lá deixei ateadas, entre os reis e os povos. Os reis, apenas os seus subditos lhes deixam algum descanso, logo buscam alargar os seus estados á custa dos seus visinhos; mas nunca o poderão fazer senão á custa de muito sangue derramado nos campos da batalha, cujas almas dos desesperados será o fructo que tenhamos a colher n'aquella grande ceara dos mortos.

SATANAZ

Não me percas de vista a todos esses reis da

Europa e seus ministros, pois estou vendo crescer as suas ambições, e dentro em pouco, poderemos conseguir uma grande conflagração de guerra em todo o mundo christão, da qual poderemos colher grandes vantagens para augmento do nosso poder.

ESPIRITO DA DISCORDIA

Descança no meu saber e astucia, que eu sobreirei de tal modo áquellas ambições dos reis e dos seus ministros, que dentro em pouco romperão as hostilidades entre todos elles, sendo inevitavel uma guerra de exterminio!...

SCENA III

OS MESMOS, SAMUEL E ESPIRITO DAS TREVAS

(O Espirito das Trevas, traz Samuel ás costas, por uma das portas lateraes; pondo-o no chão, pegalle pela gola do casaco, e vae o empurrando para o meio da scena. Samuel muito assustado tenta recuar, sem que o possa conseguir).

ESPIRITO DAS TREVAS

Amigo, nada de fraquezas, anda para diante... toma animo, do contrario não chegarás a ser um grande ministro.

SAMUEL

(Dando alguns passos tremulos pelo meio dos de-

monios). Deixa-me... deixa-me, maldito, que me trouxeste aqui enganado... não quero nada com esta canalha, que só me inspira terror... deixa-me...

ESPIRITO DAS TREVAS

Oh!... então desconfias d'esta nobre sociedade?!... Vamos lá, deixa-te de escrupulos, que são proprios da gente humilde e não de um futuro ministro.

SAMUEL

E para isso me trazes aqui a modo de milhafre por esses ares como se eu fôra algum gaio depenado!... Não está má esta brincadeira!... Deixem-me voltar para o palacio, que já não quero nada de vós outros, arranjae-vos por cá como poderdes, que eu desconfio de tamanhas honrarias que me buscaes fazer. (*Alguns demonios se põem deante d'elle a fazer momices*). Nada de ceremonias, eu dispenso isso, deixem-me retirar que nada tenho que vêr com as suas folganças, nem estou para os aturar.

ESPIRITO DAS TREVAS

Espera, homem impaciente e sem vontade, falla ali primeiro ao nosso potentado, para que elle te possa erguer esse animo abatido.

SAMUEL

E foi para isso que andaste comigo por esses ares?!...

ESPIRITO DAS TREVAS

Foi bem mau andares a cavallo, heim?

SAMUEL

Eu agradeço as cavallarias de tamanho bruto; pena foi eu não trazer umas boas esporas para poder chegar mais depressa!... (*Áparte*) Estes demonios são bem capazes de me metter por ahi em alguma fornalha! Eu vos esconjuro!

SATANAZ

Aproxima-te, Samuel, não tenhas medo de nós, porque querendo tu ser do nosso partido, terás sempre a mais alta protecção e não tardará que subas a primeiro ministro d'El-rei, que não é isso pouca cousa n'estes tempos em que todos se empenham por um emprego publico, que nem é mui facil obtel-os agora por boas sommas de dinheiro!

SAMUEL

(*Aproximando-se*). O que pretendes então de mim, para que eu possa subir tanto?

SATANAZ

Obediencia cega em nosso serviço. .

SAMUEL

(*Animado*) Mas quem és tu, grande potentado, que tanto ousas prometter?! . «.

SATANAZ

Mais tarde o saberás, por enquanto cumpre obedecer-me e trabalhar.

SAMUEL

Serás tu por ventura o grande Ferrabraz da Alexandria, que tanta fama ganhou lá n'essas guerras velhas contra os christãos?... Confesso que me repugna a tua amisade e tenho pouca vontade de fazer liga com a tua gente e ainda menos de trabalhar, por ter pouco geito para isso; e desconfio que com os teus promettimentos me venhas a metter em algum laço, de que eu me não possa vêr mais livre. Sabes que mais, grande potentado, eu não tenho fé na tua protecção, arranja lá o teu ministerio por outra parte, que eu volto para palacio, e muito agradeço os teus cuidados; isto é, amigos, amigos, negocios á parte.

SATANAZ

Pobre Samuel, tu fallas d'esse modo por que ignoras o meu grande poder, porém breve conhecerás que não é facil zombar dos meus projectos.

SAMUEL

Nada... nada... não quero saber dos teus projectos, e dispenso as tuas honrarias, deixa-me ir em paz, nada de incommodos, eu cá vou. (*Busca sahir*) Isto de partidos cada um busca os seus afeiçoados; amigos, amigos, negocios á parte... (*É rodeado de todos os demonios que lhe impedem a sahida*) Mau; mau... isto agora é que já me não agrada nada, vocês querem folgança e eu é que não estou para isso, dae licença, nada de incommodos, porque agora irei mesmo a pé.

ESPIRITO DAS TREVAS

(*Segurando-o pelo casaco*) Espera, meu refinado velhaco, pois já te julgas despachado!... (*Impelle-o para deante de Satanaz.*)

SATANAZ

É inutil tentares fngir-nos Samuel, porque agora a tua liberdade depende unicamente de nossa vontade. Sabe que eu sou o poderoso Satanaz, de cujo

nome treme a christandade. Todo o mortal que me detestar, será logo pôsto em perseguição, porque o meu reinado, é o da soberba e da iniquidade; tenho odio e voto desprezo ás ridiculas virtudes dos seguidores da cruz, não poupando meios para amargurar-lhe a existencia. Se queres pois renegar essas velhas crenças e jurar-me cega obediencia, farei de ti um poderoso ministro, do contrario metto-te em perseguição. Agora escolhe livremente, a paz ou a guerra... a morte ou a vida!

SAMUEL

Grande Satanaz, eu não desconheço o teu grande poder, que já tem aterrado a muito boa gente, mas o que eu não posso é renegar as minhas crenças para depois te obedecer cegamente; o mais que eu posso fazer, é trabalhar para o meu ministerio; se isto te convém, diz o que tenho a fazer.

SATANAZ

Eu não admitto uma cousa sem a outra, vamos, decide, ou a paz ou a guerra.

SAMUEL

Está decidido. Amigos amigos, negocios á parte

SATANAZ

Pois n'esse caso, uma vez que te enches de escrupulos, nunca passarás de um pobretão, a quem perseguiremos em toda a tua vida, com ultrages e testemunhos falsos, e tudo o mais que possa amargurar uma existencia miseravel, pois que é d'esse modo que procedemos com todos aquelles que se nos mostram desafeiçoados. (*Batendo com o forcado no chão*). Espirito das trevas, leva este contumáz ás profundas do abysmo, e mostra-lhe lá as nossas grandezas e poder, entra com elle na furna dos condemnados para que elle possa ouvir os seus lamentos; depois volta com elle á minha presença afim de sabermos a sua ultima resolução. (*O espirito das trevas agarrando Samuel busca descer com elle por uma abertura*).

SAMUEL

Larga-me demonio... larga-me... eu te escond... (*Apenas o espirito desaparece com elle, sae logo pela abertura um clarão de fogo, e em seguida muito fumo que vae desaparecendo pouco a pouco. A este tempo todos os demonios começam a fazer uma contradança como no principio, indo fazer grandes cortezias deante de Satanaz, que se conserva em pé com o forcado erguido; ouvindo-se então o trovão ao longe e vae escurecendo a scena que é alumada apenas por alguns relampagos ao cair do panno.*)

ACTO II

A justiça de Deus

O theatro representa uma sala do palacio real de Coimbra, magnificas arcarias e mais adornos apropriados á epoca.

SCENA I

RAMIRES E SAMUEL

SAMUEL

(Espanando os moveis e pondo-os em boa ordem).
Ah! que maldita lida, já estou aborrecido de viver n'este palacio, mas espero que não será por muito tempo, porque dentro em pouco, obterei melhores honras.

RAMIRES

Homem, tu com pouco te aborreces, porém isso é o que acontece a todos os perguiçosos que até se aborrecem da boa vida que levam, julgando sempre poderem melhorar de fortuna!...

SAMUEL

Agradeço-te os elogios, mas eu cá me entendo

e sei a razão porque já me aborrece esta vida que passo n'este palacio.

RAMIRES

Pois olha, eu não sei, nem quero saber dos teus aborrecimentos, o que entendo é que nos devemos conformar com a nossa sorte, porque nem todos nasceram para as grandezas d'este mundo, no qual cada um tem de representar o seu papel.

SAMUEL

Fallas muito bem, porque és um pagem feliz e bem quisto de todas as damas, emquanto que de mim ellas não fazem o menor caso, e muitas vezes me ponho a scismar, sem poder atinar com a causa de as ver sempre com cara de enojadas.

RAMIRES

É, que não lhe cahirás em graça, e por isso de pouco servirá fazeres-te engraçado com ellas.

SAMUEL

Diz antes que não tenho geito para as adular, quanto ao mais são segredos da natureza.

RAMIRES

Ó má lingua, tu ves-me adular'algue'm, ou fazer-me engraçado com ellas?

SAMUEL

Adular não digo, porém agradecer, reverenciar... anda lá meu Ramires de uma figa, que tu não és quem te pintas com esses ares de beato!

RAMIRES

O' maldito! Pois tu querias que eu andasse escandalizando a todas aquellas pessoas que me tratam bem, e que o meu dever é respeitá-las?!...

SAMUEL

E principalmente a muito formosa Elvira, que bem se mostra credora dos teus respeitos e amabilidades. Já não fallo da rainha, que te consider'a, em rasão de lhe servires de esmoler, ajudando-a a fazer por ahí uma figura pouca digna de sua condição.

RAMIRES

O' maldita serpente!... Pois nem a nossa santa rainha já escapa aos teus assaltos?!... Queres um conselho de amigo, não te metas com as vidas alheias, e cuida da tua que já não é tão pouco, porque do contrario terás de arrepender-te.

SAMUEL

Não careço dos teus conselhos, guarda-os para as damas, principalmente para a nossa rainha que

muito carece d'elles. Tu és um pobre diabo que a tudo te amoldas, porém eu cá, já tenho os olhos abartos, e não me conformo que ella ande por ahi com beatices a lavar os pés aos pobres.

RAMIRES

Insensato!... E julgas aquillo indigno de sua elevada gerarchia?... Pois sabe que mais do que ella foi Jesus Christo, que lavou os pés a todos os seus discipulos, para d'esse modo nos deixar um vivo exemplo de sua caridade; mas tu de caridade nem de humildade não queres saber. Lembra-te porém que as pessoas da nossa condição tem por dever respeitar a quem lhes dá abrigo e protecção.

SAMUEL

Pobre Ramires, muito hasde ganhar com essas theorias de moral!... Andas ainda com os olhos fechados, dando muito credito ás predicas dos padres; pois olha, eu cá já não sou d'esse tempo, nem fasso caso d'essas ninharias, que só tem valor para uns beatos como tu, sempre amarrados á sepa torta, vivendo sem aspirações.

RAMIRES

Com que então, as predicas religiosas são ninharias, que impedem de teres aspirações, heim?..

SAMUEL

O que disse, está dito ; já não acredito n'essas cousas, cada um que se arranje, como poder, que eu não sou beato, mas cá me vou arranjando.

RAMIRES

Nem eu sou selvagem, e prezo-me de ter religião, porque até aquelles mesmos selvagens, que vivem no deserto, a tem a seu modo. Eu entendo que uma pessoa sem religião é peor do que os mesmos brutos a quem falta o dom da palavra e da intelligencia divina para poderem dar testemunho do seu creador.

SAMUEL

De pouco te aproveitará essa tua theologia, pois nunca passarás de um pobretão sem eira nem beira, que tem sido sempre o premio dos grandes philosophos como tu.

RAMIRES

Eu prefiro antes ser pobre, e até pedir uma esmola pelo amor de Deus, do que embrutecer-me no caminho da deshonra ; pois quem subir pela escada da degradação, tem de cahir mais cedo ou mais tarde no opprobio dos homens honestos.

SAMUEL

Ora, Ramires, essa tua philosophia, só pôde

aproveitar aos parvos, e não aos homens de grandes aspirações.

RAMIRES

Sim, sim, tu lá tens boas razões para pensar d'esse modo, porque foste industrado pelos teus protectores da caverna mysteriosa, e depois já não queres saber de Deus nem de Santa Maria, julgando-te já um grande homem de estado para dar leis a todo o mundo!...

SAMUEL

O' Ramires, sempre tu tens uns gracejos!...

RAMIRES

Gracejos!... pois não me disseste que tinhas entrado em uma caverna mysteriosa em que viste muitas cousas maravilhosas e uns certos sujeitos amacacados que tinham artes diabolicas?...

SAMUEL

Já estou bem arrependido de te contar essas cousas, mas deixa estar Ramires de uma figa, que eu me acautelarei de ti. E esta!... pois não acrescenta que fui industrado, para ser um grande homem de estado!...

RAMIRES

Está bom, isto agora foi graça minha.

SAMUEL

Detesto os teus gracejos.

RAMIRES

(*Olhando para o fundo da scena*). Sabes que mais, deixemos-nos de rhetoricas, que lá vem a nossa rainha, e não temos aqui mais que fazer. (*Retiram-se por uma das portas lateraes*).

SCENA II

RAINHA E ELVIRA

RAINHA

(*Entrando com gravidade e ar pensativo*). Rainha! Ah! que titulo vaidoso e pesado para o meu coração sensível!... Quizera viver antes bem longe d'este palacio, em qualquer humilde choupana aonde não podesse chegar a voz da adulação nem o ephemero apparato das grandezas humanas. (*Levando a mão sobre o peito*). Aqui vive um coração maguado e constrangido, que apenas pôde sentir algum desafogo nas lagrimas que verto, e nas esmolas que distribuo aos infelizes!... Bemdito seja Deus, que ainda me resta esta consolação n'este mundo de amarguras!.. Caridade!.. Caridade! quem já pronunciou palavra de mais unção?... Grande e nobre é a caridade!... Mais do que os proprios reis, é a caridade!... Sim, ella é sublime, por-

que consola aos tristes e até alenta o coração de quem a pratica!...

ELVIRA

Quem me dera poder encher o vosso real coração de alegria... mas nada posso fazer! Andam por ahí tantas damas e nobres senhoras, que parecem desconhecer os pezares e cuidados d'este mundo, ao passo que a minha real senhora, vive sempre amargurada, entre as grandezas da côrte!

RAINHA

Cala-te, Elvira, não falles d'esse modo, diz antes que o mundo já não tem alegrias para mim, depois que conheci o pouco que ellas valiam. Essas damas de que fallas, podem viver alegrias, mas não felizes, porque essa alegria não passa de um lampejo fugaz, que apenas poderá illuminar o coração humano; ao passo que a felicidade repousa sômente em uma consciencia recta; derramando sobre ella uma suave claridade, qual o pharol em noute escura indicando o seguro porto ao temeroso navegante! Por isso, eu antes quero os pezares e cuidados no serviço de Deus, do que essas alegrias mundadas, que deslumbrando a rasão, fazem esquecer muitas vezes os nossos mais santos deveres.

ELVIRA

Real senhora, mui grande é a vossa virtude e

sabedoria, por que se funda nos preceitos da nossa santa religião, que ninguém mais do que vós sabe pôr em pratica.

SCENA III

OS MESMOS, RAMIRES E SIMÃO VAZ

RAMIRES

Real senhora, está ali o mestre das obras do mosteiro, que muito vos deseja fallar.

RAINHA

Manda-o entrar. (*Ramires entra logo com Simão Vaz.*)

SIMÃO VAZ

Real senhora, as obras do mosteiro, trazem-me sobremodo maravilhado com certos acontecimentos, que não posso atinar com a explicação d'elles.

RAINHA

Então o que te aconteceu mestre Simão?...

SIMÃO VAZ

A minha real senhora bem sabe como os alicerces do mosteiro appareceram uma manhã prom-

ptos quando eu lá chegava com os meus operarios para trabalhar n'elles; agora porém acontece... (*Coçando a cabeça*).

RAINHA

O que acontece mestre Simão?

SIMÃO VAZ

Quando hontem, a minha real senhora poz dentro do meu barrete umas flores, dizendo que era para eu pagar aos meus operarios, eu tomei aquillo por um real gracejo, e guardei cuidadosamente as ditas flores, mas qual não foi o meu espanto ao vel-as depois transformadas em luzente ouro!... (*Mostra muitas moedas de ouro que tira de uma bolsa*). Não podendo pois atinar com a causa d'esta transformação, aqui venho trazer-vos o dinheiro, por achar demasiada retribuição do trabalho que temos feito nas reaes obras do mosteiro. (*Aproxima-se mais da rainha para lhe dar o dinheiro*).

RAINHA

Honrado mestre, o dinheiro que hontem lancei no teu barrete, pareceu-te que eram flores, e não é outra a causa do teu espanto, mas guarda esse dinheiro que não é elle muito para as obras que estão ainda para fazer.

SIMÃO VAZ

N'esse caso real senhora, eu farei quanto couber em miuhas forças para que as obras do mosteiro se tornem dignas de vossa real munificencia. *(Faz uma grande cortezia e sae).*

SCENA IV

RAINHA, RAMIRES E ELVIRA

RAINHA

(Approximando-se de Ramires). Ramires, sabes aonde mora aquella infeliz viuva a quem dei a esmola no domingo ao sahir da egreja? *(A este tempo el-rei D. Diniz e Samuel apparecem ao fundo e depois de um momento de observação retiram-se).*

RAMIRES

Sim real senhora, sei bem aonde ella mora; vive em tauta miseria aquella infeliz com aquelles meninos que mette dó.

RAINHA

(Dando-lhe algum dinheiro). Vae já levar-lhe este soccorro, mas não te demores muito para que el-rei não dê pela tua falta.

SCENA V

OS MESMOS MENOS RAMIRES

RAINHA

Elvira, antes que venha el-rei, vamos ordenar o comer para aquellas infelizes que vem mortas de fome. Ah! quanto me custa ouvir dizer que ha fome n'este reino; que debaixo de tantos tectos, vivem tantas familias na miseria, luctando com o desespero; ao passo que dentro d'este palacio, tudo é abundancia e riqueza, e lá fóra os ricos senhores no meio de suas alegrias, talvez nem se lembrem que ha por toda a parte muitas familias sem pão!... Não ignoro que é uzo entre os reis guardar certa distancia entre os desfavorecidos da fortuna, porém conheço igualmente que a caridade só por si, é a melhor das realezas, e que os reis devem ser os melhores paes de seus subditos.

ELVIRA

É tão sensivel o vosso real coração aos soffrimentos alheios, que parece estar tocado pela luz divina. Esses nobres senhores que buscam enojar el-rei por causa da vossa tão santa caridade, melhor fariam em acudir tambem aos desditosos com uma parte de suns grandes rendas. (*suem por uma das portas lateraes*).

SCENA VI

EL-REI D. DINIZ E SAMUEL

D. DINIZ

Ordeno-te que me digas tudo quanto sabes a respeito da rainha. Ramires é o seu esmoler, e como tal, tem merecido a sua consideração ; julgo pois que deve ser esse o motivo das tuas suspeitas e nada mais.

SAMUEL

Muito melhor fôra assim, real senhor ; porém o que eu tenho observado, me faz pensar o contrario.

D. DINIZ

Explica-te, e não me deixes por mais tempo duvidoso ácerca d'este negocio. (*Com emoção*). Oh ! Se uma leve suspeita se transformasse em uma realidade criminosa !... Ah ! mas não devo nem mesmo deverei pensar em tal cousa ; ella sempre foi virtuosa e não podia cahir em semelhante falta ! Samuel, tu de certo estás cego pelo despeito de veres a Ramires mais considerado pela rainha, e por isso, não prosigas mais n'essas tuas eventualidades.

SAMUEL

E muito melhor será que ignoreis tudo para que não soffra mais o vosso real coração.

D. DINIZ

(*Com impaciencia*). Maldito !... O que sabes tu então que te não explicas?...

SAMUEL

Eu sei muitas cousas real senhor, mas tenho medo de vos affligir, e melhor será calar-me.

D. DINIZ

Nada de medos, quero explicação de tudo: do contrario castigarei os teus atrevimentos.

SAMUEL

Pois já que assim o ordenaes senhor, sabereis que a rainha anda fazendo mau uzo das vossas rendas; o infante vosso filho, leva d'este palacio mui avultadas quantias para logo ir gastar com esses malfeitores seus partidarios; além d'isso, vae ella por ahi fartando a todos os pobres famintos, e até chega a lavar-lhe os pés por estes tempos da quaresma! Pois isto posso eu justificar a meu real senhor. Agora quanto a Ramires, o que posso dizer

é que elle é um grande velhaco, que merece mui rigoroso castigo, em rasão de trazer o meu real senhor muito bem enganado!

D. DINIZ

Vamos, explica-te, que gestos, que palavras, tens observado n'esse pagem infiel?!...

SAMUEL

Bem sabeis real senhor, que ha cousas que não tem mais explicação, por já estarem explicadas por sua natureza, por isso não posso dizer mais nada, e meu senhor poderá fazer o que melhor intender.

D. DINIZ

Tens rasão Samuel, ha cousas que já estão explicadas por sua natureza!... Eu sou mesmo obrigado a tudo comprehender!... Sim tu me affirmas o que sabes, e eu acredito no que me affirmas por te julgar verdadeiro. Vae sem demora chamar João Caldeira, o mestre dos fornos da cal, pois é preciso quanto antes pôr um termo a tudo isto! Ah! como é cruel este golpe para o meu coração magoado!...

SAMUEL

(*Sahindo*). Dentro em pouco estarei aqui com elle. (*Áparte*). Ganhei a partida!

SCENA VII

D. DINIZ SÓ

(*Muito agitado e olhando de vés em quando para o fundo de scena*). Ah! que desespero... que dôr!... Sinto as chammas do inferno a turturar esta minha alma!... Ferve e referve-me o sangue nas veias, e parece estalar-me no peito o afflicto coração!... E no entanto sou o poderoso rei D. Diniz, de quem ainda dependem os mais ricos homens de Portugal!... Mas de que me serve este grande poder, se o zêlo cruel me torna seu escravo, e me tortura o pobre coração!... Sim de que me serve tudo isto, se a magua e a dôr me fere como ao mais humilde de meus subditos?!... Oh! e dizem que são felizes os reis, só porque estão cercados do manto da realleza; esquecendo que elles tambem estão sujeitos ás maiores inquietações de espirito e a todos os mais soffrimentos da humanidade!... Grave por certo, é o encargo dos reis, e permitta Deus que elles possam ao menos ser olhados como os protectores de seus povos. Quem n'este momento conhecesse as tribulações de minha alma, por certo que não iuvejaria a sorte do rei de Portugal!... Ai de mim, que soffro a dôr d'este martyrio cruel... (*Olhando para o fundo da scena*). Emfim, chega João Caldeira.

SCENA VIII

D. DINIZ JOÃO CALDEIRA E DEPOIS SAMUEL

JOÃO CALDEIRA

Estou ás vossas ordens real senhor.

D. DINIZ

Mestre, tu tens os fornos bem quentes ?

JOÃO CALDEIRA

Sim, real senhor, estão muito bem quentes.

D. DINIZ

Pois volta já a cuidar d'elles, e quando lá chegar um pagem, e perguntar se cumpriste o que te ordenei, mette-o logo em um dos fornos mais quentes, ajudado por um de teus companheiros de mais confiança ; mas isto sem lhe ouvires explicações, pois que assim o pedem os meus reaes interesses no desaggravo da minha honra.

JOÃO CALDEIRA

Cumprirei tudo quanto me ordonaes real senhor.
(Faz uma grande cortezia e sae por uma das portas lateraes, entrando logo Samuel pelo lado oposto).

D. DINIZ

Samuel, eu vou mandar Ramires á fabrica da cal, e tu d'aqui por algum tempo has de lá ir saber se João Caldeira cumpriu as minhas ordens, voltando logo a dar-me conta d'este negocio.

SAMUEL

Sim, real senhor, breve vos trarei essa agradável noticia. (*D. Diniz sae pelo fundo.*)

SCENA IX

SAMUEL DEPOIS SATANAZ

SAMUEL

(*Com ar de triumpho*). Emfim o meu triumpho agora é certo!... Serei finalmente um grande ministro, e todos me obedecerão cegamente!... Lá vae o pobre diabo visitar os fornos de João Caldeira!... Aquelle beato, anda com os olhos fechados, e já me queria dar lições de theologia!... A ingrata Elvira, logo que se veja privada do seu digno companheiro nas beatices, ha de abrandar os rigores com que me tem tratado, mas hei de pagar-lhe tudo com muito desprezo, porque um homem cá de minha qualidade, chegando a ser ministro de el-rei, já não deve receber galanteios de simples damas do paço, pois que n'esse caso, outras mais nobres fidalgas aspirarão as minhas gra-

ças! Por este lado bem estou eu, agora quanto á rainha, é caso mais serio; se ella chega a descobrir que eu fui o auctor d'estas intrigas, é bem capaz de me derrubar do ministerio, e metter-me d'esse modo entre a cruz e a caldeirinha!... Mas que posso eu receiar agora, se tenho vencido todas as difficuldades!... Sim, nem Deus agora seria capaz de impedir o meu triumpho!... (*Estremecendo de repente*). Oh! Esta voz me assombrou! (*Olhando para todos os lados*). Não vejo ninguem, e no entanto uma voz bradou fortemente a meus ouvidos: — *Impio!*... Isto podia ser um sonho, porém eu estou perfeitamente acordado!... Será a voz da minha consciencia, que me accusa?!... Dizem que a consciencia brada aos ouvidos dos criminosos... será crível... (*Estremecendo de novo*). Ai!... Outra vez!... Já tenho medo!... Nunca senti o peso dos meus crimes senão agora!... Malditas ambições!... Aquelles demonios metteram-me n'estes embarços, e por fim são capazes de me deixarem ficar mal n'estas aventuras! Sinto-me abalado, e não sei se isto é arrependimento ou medo d'aquelles furiozos, que não cessam de ameaçar-me com aquellas perseguições mysteriosas, querendo á força fazerem de mim um grande ministro!... Que teima esta!... Seguem os meus passos por toda a parte, observam cuidadosamente as minhas menores acções, parecendo até adivinhar os meus pensamentos!... Estou bem arranjado com elles, mas a culpa tive-a eu em me associar a taes brutos, que agora não me deixam respirar!...

Aquella voz assombrou-me, e por toda a parte só vejo agora o castigo de meus crimes!... (A este tempo chega de repente Satanaz e lançando as mãos aos hombros de Samuel brada-lhe fortemente:)

SATANAZ

Poltrão!... Esmoreces quando a fortuna mais te procura?!...

SAMUEL

(Assombrado). Deixa-me furioso... eu já não quero ser ministro de El-rei!

SATANAZ

Farei de ti um ministro mesmo contra a tua vontade. Hei de cumprir a promessa que te fiz, e tu tens tambem de cumprir a tua. Não sabes que tens agora de nos seguir sem poderes recuar nem um só passo!... Sabe pois que não te largaremos mais até que tenhamos levado ao cabo os nossos planos... toma conta Samuel, não penses em trahir-nos, do contrario vais logo parar na furna dos condemnados para lá espiares as tuas fraquezas e traições.

SAMUEL

Maldito... deixa-me... não me tentes mais:

SATANAZ

(*Trovejando com voz medonha*) Samuel, Samuel, és meu... pertences-me pelo teu juramento... e posso desde já levar-te em corpo e alma... (*Buscando agarrar Samuel*) sim irás para as caldeiras negras receber o pago da tua grande traição... vamos!...

SAMUEL

(*Aterrado*) Accommoda-te Satanaz!... Espera mais um momento... deixa-me respirar um pouco... isso não vae assim... não sejas tão impaciente, por que d'esse modo não poderás ganhar muitos amigos. Eu é que fiquei um pouco esmorecido com uma vóz que me assombrou, mas emfim, isso não seria nada, foi talvez illusão minha.

SATANAZ

Cumpre não dar entrada a esses pavores, nada de fraquezas; toma animo, e cumpre as tuas promessas e juramentos, do contrario, adeus mundo das grandezas e dos prazeres, que tudo para ti, ficará reduzido ás maiores torturas e ao gemer dos condemnados!...

SAMUEL

(*Com resolução*) Oh! as tuas palavras me assombram e animam ao mesmo tempo!... Sim, da

minha fraqueza de animo é que nascia por certo a minha irresolução; mas agora proseguirei no vosses caminho, afim de poder chegar a ser um grande poderoso homem de estado! Vamos, o que ordinas agora de mim?...

SATANAZ

Que sustentas com firmeza toda aquella accusação perante El rei. de modo que elle enojado d Rainha se resolva a mandal-a matar, ou pelo menos que seja desterrada e privada de recursos, de modo a não poder continuar com suas obras de caridade. É isto que de ti exigimos por emquanto, pois mais tarde receberás novas ordens.

SAMUEL

Pois tudo isso farei para te servir, grande potentado; mas quando me pagarás tu todos estes grandes serviços? Vê lá se buscas illudir-me com essas boas fallas, ficando eu depois a ver navios!... Falla-me pois com franqueza, bem sabes que amigos amigos, negocios á parte.

SATANAZ

Cumpre com os teus deveres, que nós cá cumpriremos com os nossos, e muito breve terás alcançado o premio dos teus serviços; mas treme de nos atraiçoar, Samuel, porque então serás logo acorren-

ndo ao póste dos condemnados. (*Retira-se por uma
as portas lateraes*).

SCENA V

SAMUEL DEPOIS ELVIRA

L. SAMUEL
vai

(*Animado*) Ah! serei finalmente um grande va-
do!... Eu, o Samuel Barreto, subir de um sim-
ples pagem a um grande estadista, a um poderoso
ministro!... Oh! só esta ideia é capaz de me im-
pellir aos maiores accommetimentos; já agora suc-
ceda o que succeder, não devo de modo algum per-
der esta tão boa occasião, pois não é de certo a
mãos lavadas, que se poderão alcançar tão altas
dignidades: depois o diabo não é tão feio como o
pintam: esta sucia de demonios é poderosa, e afi-
nal faz tudo quanto quer, e por esse motivo eu não
perderei o meu tempo, Nada, é preciso que um ho-
mem não esteja sempre amarrado á sepa torta,
vivã a grande sucia!... Ah! quem me dera lan-
çar já as mãos ás redeas da governança, para po-
der endireitar todos esses negocios que por ahi an-
dam tortos e alejados!... Se El-rei não buscar
para o seu lado um ministro de grande firmeza e
patriotismo, parece-me que tudo corre risco de ir
pela agua abaixo!... Eu abrirei os olhos a El rei,
sobre este negocio, e logo que tenha merecido a
sua confiança, proporei no conselho a reforma de
todas as leis, afim de que este povo inquieto não

abuse muito da sua liberdade, e não ande tomando tão amindadas contas do que fazem os ministros de El-rei!... Ah! tudo se quer no seu logar. (*Pensando*). Dizem por ahi, que o cargo de ministro tem os seus espinhos, e que o povo nunca está contente quando paga muitos tributos, mas eu espero de tambem colher algumas flores, porque afinal o diabo não é tão feio como o *pintam*, e quem tiver inveja que faça o mesmo, porque eu cá me vou arrançando!...

ELVIRA

Samuel, aonde está Ramires?

SAMUEL

(*Correndo ao seu encontro*). Querida Elvira!... Ah! tu não sabes quanto te adoro!... (*Ajoelha para lhe beijar a mão, mas ella se desvia*). Ah! ingrata; tu não sabes que sou capaz de enlouquecer por causa d'esta paixão que me devora! (*Erguendo-se*). Muito tempo ha, que suspiro pelo teu amor, sem que tu me attendas!... Isto já parece crueldade da tua parte!...

ELVIRA

(*Desviando-se mais d'elle*) Para bem longe de mim, atrevido: porque a rainha, quando tiver conhecimento das tuas loucuras, ha de pedir a El-rei que te mande recolher em alguma casa de

doudos, porque este palacio não é proprio para tal gente.

SAMUEL

Olha que não temo as tuas bravatas, minha soberba, eu te mostrarei dentro em pouco quem é Samuel Barreto, e então has de ser mais sensivel ao meu amor.

ELVIRA

(*Sahindo com desdem*). Ora valha-nos Deus, quem poderá ser d'aqui a pouco este sr. Samuel Barreto?!... (*Voltando-se*). Adeus, sr. Samuel Barreto, muito hei de estimar de o vêr logo transformado em algum grande ministro de Estado!... Ah! Ah! Ah!... (*Sahe*).

SCENA XI

SAMUEL SÓ

(*Ficando pensativo por um momento, olhando depois per onde sahiu Elvira*). Ora essa!... Não fui derrotado e escarnecido por esta soberba mulher!... Mas eu me vingarei d'ella. Estaria por ahi escutando-me? Era bem capaz d'isso, porque as mulheres são bastante curiosas, e descobrem muitas vezes cousas que nem lembram ao diabo!... Espera que eu já te vou buscar noticias de teu Ramires; o pobre diabo ha de agora ter já feito boas praticas de moral! Corro a ouvir-lhe uma lição de

theologia. . . (*Desapparece logo por uma das portas lateraes*).

SCENA XII

RAINHA, ELVIRA E 12 POBRES

UMA DAS POBRES

Ah! Consenti, real senhora, que hoje agradecidas, tenhamos a ventura de beijar estas santas mãos. (*Beija-lhe as mãos e todas as mais pobres. A Rainha mostra-se então commovida*).

RAINHA

Obrigada, minhas boas amigas, obrigada. Agora ide-me esperar na outra sala, enquanto vou buscar-vos a esmola. (*As pobres retiram-se por uma das portas lateraes*). Vamos, Elvira, que tambem já nos devem esperar as meninas orphãs. (*Sahem por outra porta lateral*).

SCENA XIII

D. DINIZ E SEUS MINISTROS

(*Caminham todos vagarosamente para a scena conversando em voz baixa. El-rei vae occupar a cadeira real e os ministros outras mais inferiores*).

D. DINIZ

Senhores, eu serei inexoravel, logo que tenha a certeza de suas graves faltas; por emquanto julgo que será bastante desterral-a para Alemquer, ficando d'esse modo privada de socorrer o filho prodigo e desobediente que já tantos dissabores me tem causado com os seus desatinos.

1.º MINISTRO

Acho muito acertada essa medida; pois melhor é evitar os males, do que depois remedial-os.

2.º MINISTRO

Senhores, eu não sou do mesmo parecer; achava melhor que se fizesse uma reconciliação, lançando ao esquecimento todas as faltas passadas, porque já é sabido que o principe tem partidarios que não são para desprezar; isto aconselho eu pela muita experiencia que tenho dos negocios publicos, porque a paz dos estados depende muito de quem os governa, e na maior parte dos casos, a prudencia é o melhor dos conselheiros.

1.º MINISTRO

Por esse lado, bem está, mas quem ha de reparar o credito de nosso real amo?

2.º MINISTRO

Senhores, quem poderá dar credito a um pagem insensato e perverso, que cheio de despeito e cego pelo odio, vê tudo com maus olhos, buscando perturbar a paz domestica com o veneno de suas palavras ambiguas?!... (*Voltando-se para El-rei*). Senhor, estou convencido da innocencia de vossa esposa, e mais tarde vos arrependereis de ter suspeitado da sua fidelidade; e se todas as suas culpas provêm da caridade com que soccorre aos infelizes, então bem lh'as podereis perdoar.

1.º MINISTRO

Não por tudo, porque pratica actos que se não conformam com a dignidade real. Já não é segredo que ella desce de sua alta condição, para lavar os pés aos pobres pelo tempe da quaresma, jantando afinal com elles á mesa!... Todos sabem que ella gasta a maior parte de suas rendas com os pobres e com o filho prodigo; e isto são cousas que é preciso pôr-lhe um termo, do contrario d'aqui a pouco vosso filho será o verdadeiro rei de Portugal e vossa esposa a rainha dos pobres!...

2.º MINISTRO

Senhores, se é crime a sua caridade para com os pobres, então o seu crime deve ser invejavel;

nem poderemos nós ser os juizes do seu virtuoso procedimento Oxalá que d'esse modo procedessem todos os monarchas do universo para felicidade de seus subditos.

1.º MINISTRO

(*Olhando para o fundo*). Eis ahi vem ella, senhores, com as provas do delicto!

2.º MINISTRO

Melhor dirieis, da innocencia.

ALGUNS MINISTROS

Muito bem... muito bem!

SCENA XIV

OS MESMOS, RAINHA E ALGUMAS MENINAS ORPHÃS

D. DINIZ

(*Erguendo-se e mais os ministros*). Aproximaes-vos senhora.

RAINHA

(*Aproximando-se*). Senhor, aqui estou.

D. DINIZ

(*Apontando para uma dobra do manto*). O que trazeis vós ahí?... .

RAINHA

(*Um tanto embaraçada*). Senhor, isto são umas flores que colhi no jardim para dar a estas meninas, e para as pobres que me esperam na outra sala.

D. DINIZ

Está bem senhora, então mandae vir as pobres, que muito prazer terei em assistir á distribuição d'essas flores.

RAINHA

(*Faz signal a Elvira para ir chamar as pobres, a qual sae, e volta logo com ellas*). Senhor, com muita alegria de meu coração attenderei aos vossos desejos. (*Vem entrando as pobres, e ella abrindo o manto, deixa ver grande quantidade de lindas flores, que logo vae distribuindo pelas pobres e pelas meninas, com admiração de todos*).

ALGUMAS POBRES

Louvado seja o senhor!... . (*A este tempo vem entrando Ramires*).

SCENA XV

OS MESMOS E RAMIRES

RAMIRES

(*Aproximando-se de el-rei*). Real senhor, manda dizer-vos João Caldeira que as vossas ordens já foram cumpridas.

D. DINIZ

(*Com admiração*). Ramires, que demora foi essa, porque não foste logo ter com João Caldeira quando te mandei?!...

RAMIRES

Demorei-me na egreja a ouvir duas missas. Entrei para dar graças a Deus como é do meu costume, e como se dissessem aquellas missas, assisti a ellas, indo logo depois a cumprir as vossas reaes ordens.

D. DINIZ

(*Voltando-se para os ministros*). Senhores, contrariado sobre modo, já tudo isto me parece um sonho, do qual não deveria acordar!...

RAINHA

Senhor, tudo isto é a realidade da misericórdia divina!... (*Erguendo os olhos ao ceu com as mãos*

postas). Só Deus é grande ! . . . Bemdito seja o seu nome ! . . .

2.º MINISTRO

Senhores, eu voto pela rainha dos pobres !

1.º MINISTRO

(Áparte). Estou confundido !

CÔRO DAS MENINAS

Senhor, sômos orphãsinhas,
De mui triste condição ;
A sorte fez nos mesquinhas
Senhor, tende compaixão !

CÔRO DAS POBRES

Que será de nós, senhor,
Morreremos de tristeza,
Se perdermos este abrigo
Da rainha da pobreza !

O panno cahe ainda ao som do estribilho

FIM DO ACTO 2.º

ACTO III

A derrota de Satanaz

O theatro representa uma sala de um antigo palacio em Alemquer. Portas lateraes e ao fundo moveis simples e á epocha.

SCENA I

ELVIRA E MATHILDE

MATHILDE

(Pondo os moveis em boa ordem) Vamos que não devem tardar aquelles grandes senhores que vem para levar a nossa rainha como já ouvi-dizer.

ELVIRA

Não acredites n'isso, a nossa boa Rainha, não sabirá d'este palacio contra as ordens de El-rei.

MATHILDE

Não sei quando se acabará este degredo, que podemos agradecer aquelle maldito Samuel, que o demonio levou em corpo e alma.

ELVIRA

O perverso, lavrou a sua propria sentença julgando vingar-se de Ramires!

MATHILDE

A proposito, o que será feito de Ramires?

ELVIRA

Disseram-me que foi para Lisboa, aonde entrou para o serviço do Bispo D. Gonçalo.

MATHILDE

Quem me dera ir tambem para Lisboa; sempre ouvi dizer que é uma cidade muito bonita, que tem muita cousa para admirar-se. Aqui vivemos uma vida de freias, mas espero que isto não deverá durar por muito tempo.

ELVIRA

Por mim, só me custa o degredo de nossa santa Rainha, que veio para este palacio por causa dos maus conselhos de um ministro, quanto ao mais em qualquer parte poderia viver contente na sua companhia. Valha me Deus, que me não posso recordar d'estas cousas sem chorar. (*enchuga as lagrimas*)

MATHILDE

Tambem por bem pouco choras tu Elvira, pois olha eu cá não sou assim, não tenho que ver com as desgraças alheias; o que eu queria era ir para Lisboa, ver essas cousas bonitas, quanto ao mais cada qual que se avenha como puder.

ELVIRA

Tens um coração de bronze que nem ao menos se commove com as desgraças de nossa santa Rainha!...

MATHILDE

Tinha muito que fazer se andasse a lamentar todas as desgraças alheias sem poder remedial-as. Minha cara amiga, este mundo é como um theatro, emquanto choram uns, riem-se outros.

ELVIRA

Tens razão, em quanto uns choram as desgraças alheias, outros são até capazes de se rirem d'ellas!... O mundo é mesmo assim, composto de grande variedade de actores, e cada um representa o seu papel segundo a qualidade dos seus sentimentos. (*Olhando para o fundo*) Silencio, que lá vem a Rainha com os grandes senhores, passemos nós para a outra sala. (*Retiram-se*)

SCENA II

RAINHA, TRES CONDES, UM BISPO E DUAS DAMAS

RAINHA

(Entrando com gravidade, indica os assentos, e ella tambem se assenta) Senhores, tende a bondade de declarar o motivo da vossa vinda a este palacio.

CONDE DE TORRES

O desejo de melhorar a vossa sorte, real senhora, fez que viessemos a offerecer-vos os nossos castellos, afim de melhor poder-mos restabelecer os vossos foros.

RAINHA

N'esse caso, senhores, muito agradeço a vossa nobre dedicação, mas não posso nem devo acceitar esses vossos offerecimentos, por serem contrarios aos meus deveres. Prefiro viver aqui toda a minha vida, privada de todas as minhas rendas, do que retirar-me para os vossos castellos sob a vossa grande protecção. Pois se aqui me falta com que enxugar as lagrimas aos pobres, tenho comtudo ainda o bastante para occorrer ás minhas despesas domesticas. Alem d'isso, Senhores, a Rainha de Portugal conscia dos seus deveres, obedece cegamente ás determinações de El-rei, sem mesmo inquerir se ellas são justas ou injustas.

CONDE DE TORRES

Real senhora, tambem julgo ser do vosso dever evitar uma guerra civil, que vae desenvolver-se por causa do vosso desterro; e melhor será tomar des o partido de vosso filho, porque ao seu lado melhor podereis suster a catastrophe que está imminente. Ponderae tudo isso e resolvei, segundo a vossa prudencia e sabedoria.

RAINHA

Senhores, o caminho que tenho a seguir, é o de meus deveres, sou inflexivel no cumprimento d'elles, succeda o que succeder, ponho tudo o mais nas mãos de Deus.

CONDE DE TORRES

Quem poderia censurar o vosso procedimento, de por um tal modo evitar uma calamidade publica?

RAINHA

Ah! senhor conde, todos os portuguezes diriam com razão, que eu induzi a meu filho para pegar em armas contra seu rei e senhor, e me julgariam a unica culpada da sua desobediencia e dos seus desmandos; Não, senhor conde, isso nunca eu farei, que por amor do meu filho, não quero ser es-

posa desobediente dando com isso um mau exemplo a todos os meus subditos que também são meus filhos. Eu conheço o coração do príncipe, e com a auctoridade materna buscarei de algum modo reconciliar-o com el rei, ficando depois convencida de ter cumprido com os meus deveres.

CONDE DE TORRES

Já não é tempo de reconciliações.

RAINHA

(*Com admiração*). Não é tempo?!...

CONDE DE TORRES

Não, real senhora, porque já muitas villas e castellos estão por vosso filho, o qual á testa de consideraveis forças, marcha sobre Coimbra a pôr-lhe estreito cêrco. El-rei não está prevenido, e com as poucas forças que tem, mal lhe poderá resistir dentro d'aquelles muros. Esta circumstancia é muito grave e não soffre delongas, por isso reconsiderae, para não perdermos o tempo precioso que ainda nos resta para podermos desviar a catastrophe.

RAINHA

N'este caso, senhores, posso contar com o vosso auxilio?...

CONDE DE TORRES

Real senhora, o nosso desejo é melhorar a vossa sorte, e por isso podeis dispôr dos nossos serviços do melhor modo que vos aprouver.

RAINHA

Cumpre então não perdermos mais esse tempo precioso que ainda nos resta para impedir a catastrophe. Ide vós adiante, senhores, e dizei ao príncipe que detenha as suas hostes, que assim lh'o ordena sua mãe que caminha ao seu encontro. (*Erguendo-se todos*). Vamos, senhores, o tempo urge, muitas vezes de bem pouco, depende a paz dos estados, e outras vezes de um só capricho lhe provém toda a sua ruína!...

CONDE DE TORRES

Sim, real senhora, podereis contar sempre com a nossa sincera dedicação.

BISPO

(*Voltando-se para a rainha*). E se fôr do vosso real agrado, eu vos acompanharei com os meus criados.

RAINHA

Acceito, e muito agradeço vossos serviços. (*Vão sahindo todos pelo fundo e apenas desapparecem entra d'ahi por um momento Martim Affonso com algumas chaves na mão. A scena vaee escurecendo gradualmente, e depois cruzam de tempos a tempos alguns relampagos, que lhe dão grande claridade*).

SCENA III

MARTIM AFFONSO

Credo! Santo nome de Jesus!... Por minha vida que tenho medo de ficar só n'este palacio!... Pecha-me sobre modo, partir a minha boa senhora, com este tempo para Coimbra, porém em tudo isto anda grande novidade!... Quer-me parecer que a vinda d'aquelles grandes senhores é negocio de reconciliações; permitta Deus que tudo termine em boas pazes. (*Olhando por uma das portas lateraes*). Credo! Parece-me ver no fim do corredor uns vultos sombrios!... (*Observando de novo*) Não me engano!... Serão porventura algumas almas penadas dos antigos senhores d'este palacio. (*Ouve-se um grande estampido de trovão*). Santa Barbora!... (*Os relampagos vão fórmando uma claridade eletrica de fogo, e Martim Affonso mostra-se muito assombrado com tal claridade*); Santo nome de Jesus... que estranha claridade é esta?!... Não ha duvida,

aqui entrou cousa má n'este palacio. . . Será prudente retirar-me d'este logar, porque eu com almas penadas não quero nada, e melhor será ir chamar o Padre Francisco para as requerer. (*Vae sahindo, olhando para todos os lados cheio de medo e um pouco tremulo*). Credo! . . . Tenho as pernas a tremer e sinto a vista turva! . . . Eu cá confesso as minhas fraquezas, e cada um julgue se por si n'estes apuros! (*Fecha apressadamente as portas do fundo e abrindo depois uma fresta espia por ella e logo que entra Satanaz, desaparece.*)

SCENA IV

SATANAZ E SEUS COMPANHEIROS

(*Satanaz entra em scena com arrogancia, e batendo com o forcado no chão, é rodeado de todos os seus companheiros. os quaes começam logo a fazer os tregeitos e danças do costume, cantando depois em córo:*

Eis aqui os defensores
Das caldeiras do inferno,
E inimigos de Jesus
E do velho padre Eterno.

Sômos muitos e podemos
Fazer guerra de exterminio,
Guerra, guerra farricocos
Ao poder do seu dominio! . . .

SATANAZ

Agora, meus queridos amigos, vamos tratar de negocios urgentes. Estamos pois senhores d'este palacio, que o velho escudeiro não será capaz de nos disputar na ausencia da rainha. Os condes, por mais diligencias que fizeram não foram capazes de resolver a rainha Izabel a ir para os seus castellos, e d'esse modo foram illudidos os meus planos!... Lá vae agora caminho de Coimbra, sem temer esta trovoada que lhe preparei!... Vae resolvida a fazer uma reconciliação entre o pae e o filho!... Digo-vos, que se tal consegue, muito abatido ficará então o nosso poder n'este reino, porque de novo poderá dispor de suas rendas em beneficio dos pobres, os quaes d'aqui a pouco a tomarão por uma grande Santa, perdendo nós muitas almas que ella nos poderá ganhar com as suas obras de caridade. É preciso arrancar aos povos a crença religiosa, do contrario, não poderemos ter parte com elle; bem sabeis que da descrença nasce as desordens e as revoluções, os unicos motores capazes de aniquillar a religião pelos seus fundamentos! Mãos á obra meus queridos amigos; dae-me primeiro conta do que tendes feito, para vermos o que ainda temos a fazer.

ESPIRITO SEDUCTOR

Grande potentado, venho de percorrer de novo

muitas villas e cidades, e deixei por lá milhares de donzellas muito cuidadas de seus namoros. Muitas estão em grande risco de perder-se, porque os mancebos, a pretexto de casamento, vão sempre vencendo as maiores difficuldades, ajudados cá das minhas boas artes! Por esse motivo trago eu muitas familias em desordem e grande tribulação; muitos tem sido os ralhos e os choros, e as mães e os paes vivem em sobresalto com este negocio, e por fim vão gastando as suas economias com o luxo de suas filhas, que é depois o maior dos embaraços para o casamento d'ellas!... Pois n'esse caso, muitos ricos se desviam da pobreza, e muita pobreza, se desvia da virtude. Finalmente o luxo, vae por toda a parte fazendo as nossas delicias. Já vedes grande potentado, que eu não tenho tido um momento de descanso, afim de poder trazer as familias em grande tribulação por causa dos namoros e do luxo.

SATANAZ

Muito bem tens merecido os nossos louvores.

ESPIRITO DA DISCORDIA

Grande potentado, a cabo de percorrer de novo todos os estados da Europa, por onde notei grandes projectos de conquistas, em rasão da maior parte dos monarchas buscarem engrandecer os seus dominios d'essa fôrma! Estou farto de lhes asso-prar ás suas ambições naturaes, e por isso conto

que dentro em muito pouco tempo, teremos grandes guerras, nas quaes morrerá muita gente cheia de odios e de vinganças!... Oh! isto sim isto encherá o nosso reino de almas desesperadas, as quaes, nunca poderão d'esse modo entrar na morada do velho architecto do universo. Ainda ha pouco cheguei do campo do principe, aonde soprei muitos odios sanguinarios, e conto que tambem faremos ali grande colheita de almas impenitentes.

SATANAZ

Muito bem tens cumprido os teus deveres, e conto que das tuas diligencias, nascerão grandes contendas entre os reis, os quaes declarando guerra uns aos outros, farão que os povos desesperados e cheios de privações, por sua vez se revoltem contra elles, e os expulsem para sempre de seus estados, formando então governos mixtos, que degenerando para logo, em anarchia, nos virão dar o melhor e mais completo dos triumphos!... Meus queridos amigos e bons companheiros, vamos pôr um termo a estes nossos trabalhos, porque já sinto aqui um cheiro insuportavel, a modo de agua das egrejas!.. É de supor que ande por ali algum tonsurado a benzer este palacio. Ora que sempre havemos de encontrar por toda a parte os taes sujeitos, a enxutar-nos com aquellas aguas:... *(Com rancor)*. Ora deixae benzedores de tonsura, que lá virá tempo em que tambem vos perseguiremos, promovendo grandes conspirações contra o vosso poder;

será então uma guerra sem treguas, da qual tiraremos grande resultado para o nosso completo triumpho, porque o templo sem vós será logo demolido, e o mundo apodrecido cabirá ao peso dos seus vícios!... Sim, cumpre trabalhar muito para alcançarmos os nossos fins, do contrario, ficaremos aniquillados para sempre na profundeza das trevas! Amigos. partamos, já para o campo do principe, e cada um busque por todos os modos sustentar aquellas discordias, para que a rainha não possa levar ao cabo os seus intentos. (*A este tempo apparece o padre Francisco com uma caldeira de agua benta, seguido por Martim Affonso. O padre cemeça logo a resar e a distribuir agua benta por todos os lados. fazendo desappaçecer os demonios como por encanto*).

SCENA V

PADRE FRANCISCO E MARTIM AFFONSO

PADRE FRANCISCO

Abrenuncio!... Vá de retro... Satanaz!...

MARTIM AFFONSO

Bem vos dizia eu padre Francisco que n'este palacio andavam almas penadas!... Santo nome de Jesus!... Eu já tenho medo de aqui viver!...

PADRE FRANCISCO

Aquillo não são almas penadas Martim Affonso,

são os proprios demonios do inferno, que andam cá por este mundo promovendo discordias, e seduzindo as almas dos servos de Deus para as arrastarem ao seu dominio, as quaes terão de ficar condemnadas ás trevas eternas. sem poderem mais gosar a luz da misericordia divina!... É preciso vigiar pela nossa alma. para que se não perca; pois os fructos da vida são nada em comparação dos bens eternos. Quem quizer salvar a sua alma, hade primeiro preparar-se para os soffrimentos da vida, porque a morte é certa e a hora incerta!... Os espiritos das trevas nos perseguem por toda a parte, mas nós os esconjuremos sempre com a oração e com agua benta, e nunca contra a nossa Igreja, prevalecerão as portas do inferno, que serão impotentes contra ella. (*erguendo os olhos ao ceu com as mãos postas*) Meu Deus! velai pelos vossos servos, e restitui a paz ás familias; livrae-as das maldicencias e das tribulações, de que nem mesmo tem escapado a nossa Santa Rainha!...

FIM DO III ACTO

ACTO IV

O triumpho de Santa Izabel

O theatro representa o acampamento do principe D. Affonso. Os generaes e officiaes superiores passam revista ás tropas e preparam a batalha.

SCENA I

DOUS SOLDADOS EM FRENTE DA SCENA

PRIMEIRO SOLDADO

Com mil bombas camarada!... Este frio está hoje insuportavel! (*dando alguns passos e esfregando as mãos*)

SEGUNDO SOLDADO

Que maldita vida esta! Andar cá um pobre soldado. sempre com a moxilla ás costas e a arma nos hombros, a soffrer as inclemencias do tempo! Tomara eu já estas contendias acabadas, para poder obter a miuha baixa e voltar para a miuha aldeia, aonde se passa uma vida mais feliz no grangeio das terras.

PRIMEIRO SOLDADO

Pois eu para te fallar a verdade, não desgosto da vida, e dou-me bem com ella.

SEGUNDO SOLDADO

Não ponho duvida, porém eu cá tomara ver-me livre d'ella porque me aborrece em tempo de paz, e atormenta-me no tempo da guerra.

PRIMEIRO SOLDADO

Então, temes os combates, heim ?

SEGUNDO SOLDADO

Não temo os combates, mas horrorisa-me o sangue do meu semelhante.

PRIMEIRO SOLDADO

É o que eu digo, tens medo !...

SEGUNDO SOLDADO

Estás enganado, nunca recuei diante do inimigo por temor da morte, mas quando me ponho a considerar que tenho de ferir e até matar o meu proximo, de quem não tenho recebido offensas, fico tão indignado, que me chega tentação de logo desertar !... Quantas vezes tenho eu cá dito para

os meus botões : desgraçado soldado, que te obrigam a dar a morte ao teu semelhante por uma simples desavença ; servindo de instrumento aos grandes senhores !... Oh ! isto é cruel... é deshumano e horroroso ! Pois tantas invenções se tem feito no mundo, e ainda não poderam os homens descobrir um meio de poder-se acabar com a morte violenta do nosso semelhante !...

1.º SOLDADO

Pobre camarada, tu fallas d'esse modo porque nasceste para viver pacificamente no cultivo das terras, porém eu sou homem de guerra e já fui destinado para combater os inimigos da patria e defender el-rei nosso senhor.

2.º SOLDADO

E matares tambem a el-rei nosso senhor se vier logo na frente de sua gente contra o filho, que nos commanda !... Ora, meu rico camarada, sempre tu és dotado de grandes ideias guerreiras !...

1.º SOLDADO

Com mil bombas !... E tenho eu culpa de que elle venha á frente da sua gente e se não saiba acautellar ?... Meu bom camarada, quem não quiser morrer que não venha á guerra, porque o proprio diabo que me appareça em frente, eu atiro-lhe

logo sem piedade, e soffra quem soffrer, que eu depois lavo as mãos d'esse negocio.

2.º SOLDADO

Ah! Maldito seja quem obriga o pobre soldado a combater injustamente!

1.º SOLDADO

Ahi temos nós outra!... Porventura saberás tu se esta causa é justa ou injusta?

2.º SOLDADO

Não o saberás tu, meu bom camarada, porque nasceste para instrumento das vinganças alheias.

1.º SOLDADO

Com mil granadas!... Pois se o camarada nasceu para ser um grande philosopho e cultivador de terras, bem me poderá dar então uma explicação a tal respeito, que muito folgarei com ella.

2.º SOLDADO

Eu não sou um sabio legislador, e o meu saber é muito limitado, mas a propria rasão do meu entendimento me diz que a guerra só é justa em defesa da nossa patria opprimida ou dos nossos direitos usurpados sob o ferro homicida do tyranno; quanto ao mais são tudo guerras fraticidas, origi-

nadas do orgulho e da soberba de quem desconhece os seus deveres perante Deus e a humanidade.

1.º SOLDADO

Bravissimo, camarada!... Gostei de ouvir a tua philosophia, quasi me parecias Fr. Simplicio pelos sermões da quaresma. Ah! Ah! Ah!

2.º SOLDADO

Estás no teu direito, tomando tudo em gracejo, porque nem eu nem o Fr. Simplicio nascemos de certo para soldados da tua tempera, e nem todos poderemos amar o mesmo objecto. (*Ouve-se em distancia gritar ás armas, e em todo o acampamento se repete o mesmo grito de guerra*). Temos os inimigos á vista, vamos tomar o nosso posto por este lado. (*Sahem por um lado da scena*).

SCENA II

O PRINCIPE D. AFFONSO, AJUDANTES DE CAMPO
E MAIS 3 CONDES GENERAES

D. AFFONSO

Senhores, o exercito de meu pae se aproxima, é preciso ordenar as nossas hostes de modo que não sejam surprehendidas pelas reservas dos inimigos, quando tivermos já empenhado o combate.

CONDE DE TORRES

A tudo attenderemos, mas seria muito conveniente demorarmos a batalha, em attenção ás ordens da rainha, porque uma reconciliação com vosso pae não deixaria de ser muito util por todos os motivos que já vos tenho exposto.

D. AFFONSO

Agora já não está em nossas mãos demorar este combate, o nosso dever é sustentar a honra de nossas armas, porque El rei meu pae já não quer pazes comigo, mas unicamente castigar-me dos meus desvios, e reduzir-me ao extremo de ir viver em alguma fortaleza o resto de meus dias; ficando privado d'esse modo da corôa, em favor de algum de meus irmãos. Eu não tenho em vista outra cousa mais do que livrar-me de suas iras; se tiver a desventura de ser vencido, soffrerei com resignação os rigores da minha sorte, porém se alcançar a victoria, hei de trocal-a pela minha liberdade, pela de minha boa mãe e de todos os meus partidarios.

CONDE DE TORRES

Espero que tudo se ha de conseguir com a maior prudencia e acerto. (*Olhando para o lado do campo inimigo*). A vanguarda de El-rei vem seguida de perto pelo grosso do exercito; é conveniente conservarmos as nossas posições por serem boas para

a defeza; pois que das boas posições depende muitas vezes a fortuna das armas, e mórmente quando o inimigo vem ao nosso encontro, na ignorancia de que estamos de prevenção.

D. AFFONSO

Sr. conde, em vossas mãos deposito a sorte das nossas armas; prepara-e tudo na melhor ordem, porque as glorias, se as houver n'este dia, serão todas vossas.

CONDE DE TORRES

Descançae, porque espero em Deus, que não havemos de ficar cômpromettidos n'esta acção. (*Vae tomar o commando do exercito*).

SCENA III

OS MESMOS MENOS O CONDE DE TORRES

CICILIA E AS DUAS SENTINELLAS

PRIMEIRO SOLDADO

(*Empurrando brutalmente Cicilia*). Anda lá para diante indemoninhada!... Tu julgavas escapar á nossa vigillancia!...

CICILIA

(*Com alguns rosarios no braço e outrós objectos de tenda*). Malvados! para que maltrataes a quem

nunca vos fez mal?... Ah! vós não tendes coração, ou sois deserdados da caridade, não conheceis o que é a pobreza desgraçada que se alimenta dos seus soffrimentos, emquanto vós, e os grandes senhores, de tudo escarneceis, e até vos banqueateas no proprio sangue das vossas victimas!

PRIMEIRO SOLDADO

Nada de rethoricas, não é com palavriados que nos has-de illudir.

CICILIA

Ah! deixae-me... deixae-me. Se quereis alguma cousa da minha pobre tenda, tomae-a, mas não sejaes crueis para com uma desgraçada mulher que já não tem quem seja por ella n'este mundo. *(Busca enxugar as lagrimas.)*

PRIMEIRO SOLDADO

Eh! Eh! Bem te conheço velhaca, nós de nada precisamos da tua miseravel tenda, vae levar os teus rosarios ao nosso commandante a quem terás de prestar muito boas contas da tua espionagem. Eh! Eh... Nada de lamurias!...

D. AFFONSO

(Durante este dialogo tem feito uma pequena digressão com os condes a examinar as posições do

exercito, voltando depois ao encontro dos soldados e de Cicilia). Quem é esta mulher?!...

PRIMEIRO SOLDADO

Senhor, esta mulher, é uma espia do nosso acampamento, andava ahí perto examinando tudo cuidadosamente para melhor nos ir entregar nas mãos de nossos inimigos!

D. AFFONSO

Aproxima-te mulher, e falla a verdade, porque se assim o fizeres, talvez consigas o perdão de tuas culpas, do contrario mandar-te-hei logo cortar a cabeça, para servir isso de exemplo a todos os futuros espiões do meu exercito. Não procures pois rodeios para me illudir, porque será inutil a tua tentativa. Declara-me em primeiro de tudo, quem és, d'onde vens, e quem te pagou para espiar o meu acampamento.

CICILIA

(Ajoelhando aos pés do principe). Senhor!.: Tende compaixão d'esta desgraçada viuva!...

D. AFFONSO

Viuva.: de quem és viuva?

CICILIA

Senhor, sou viuva do infeliz capitão Aguiar, d'a-

quelle que depois de ter prestado tantos serviços à sua patria, deixou-me por fim no maior abandono e miseria, com tres filhos de tenra idade, unico fructo de minha vida desgraçada. Ah! senhor, se soubesseis todos os meus soffrimentos talvez tivesseis compaixão da minha sorte. (*Começa limpando as lagrimas*).

D. AFFONSO

Ergue-te infeliz, que mui bem conheci eu o capitão Aguiar, a sua morte, foi uma perda sensivel para a nossa patria, e muito sinto, que elle te deixasse tão desgraçada, mas nem por isso tinhas o direito de ganhar o pão de teus filhos, na espionagem de nosso acampamento. Ignoras de certo que as leis militares são rigorosas, e castigam de morte a todos aquelles que se entregam a tão criminosa vida.

CICILIA

Ah! senhor, juro-vos por tudo quanto ha de mais sagrado, que nunca eu fiz uso d'esse modo de vida; tome o ceu por testemunha da minha innocencia. O meu modo de vida é a venda d'estes objectos, (*mostrando*) para poder ganhar o pão para meus filhos. Emquanto a nossa santa rainha estava em Coimbra, era por ella soccorrida; todas as semanas mandava um pagem levar-me a esmola, porém logo que partiu para Alemquer, vi-me na extrema necessidade, passando muita fome com os meus pobres filhos!... Ah! senhor, vós de-

certo ainda não conheceis o que seja a fome e o desespero, de uma mãe ao ver seus filhos com fome, e não ter um pedaço de pão para lhes dar!... (*Chora*).

D. AFFONSO

Pobre mulher!... (*Mostra-se commovido*). Toma, e vaê em boa paz, (*dá-lhe algum dinheiro*) Não te aproximes mais dos acampamentos, para que não venhas a soffrer mais por causa da tua ignorancia. (*Acos soldados*). Levem esta infeliz até fóra do nosso campo.

CICILIA

Mil graças derrame o céu sobre a vossa cabeça, senhor, e vos pague a mercê que acabaes de me fazer. (*Sae com os soldados para fóra da scena*).

SCENA IV

OS MESMOS, MENOS CECILIA E OS DOIS SOLDADOS

D. AFFONSO

(*Voltando-se para os seus*). Senhores, esta mulher é uma d'essas desgraçadas que mais soffreu com o desterro de minha boa mãe para Alemquer; se Deus me conceder a victoria, a minha vingança ha de cair sobre os maus conselheiros de meu pae, dos que o indusiram a dar aquelle passo errado: obriga-os-hei a deixar os paços reaes, para irem aos seus castellos dar ordens a seus domesticos.

(Movimento em toda a linha da vanguarda; ouve-se de cada vez mais perto algumas descargas). Vamos, senhores, que está proximo o momento que vae decidir da nossa sorte. (Vão pôr-se em acção de combater, tocando a este tempo todos os instrumentos guerreiros. Depois de se ouvir por algum tempo o estrondo do combate das duas vanguardas inimigas; a do principe vem recuando para dentro do acampamento, formando em frente da scena, aonde sustenta o combate que se vae tornando geral, cahindo ali alguns soldados por mortos, sendo em scena a pelleja a ferro frio. A este tempo apparece de repente a rainha a cavallo em um fogoso ginete, com uma bandeira branca hasteada em uma lança, a qual depois de ter rompido pelo meio dos soldados de D. Diniz, vae em direcção ao estado maior de seu filho, o qual reconhecendo a rainha, manda suster o combate, fazendo o mesmo D. Diniz. D. Affonso vae ao encontro de sua mãe, a qual sempre com a bandeira hasteada, o espera com ar senhoril, impondo respeito a todos os combatentes, que ficam immoveis com a sua presença).

SCENA V

OS MESMOS, RAINHA, D. DINIZ E OS SEUS GENERAES
E AJUDANTES DE CAMPO

RAINHA

Pazes! . . . Pazes! . . . Em nome de Deus, suspendei as vossas armas! . . . Pois o que é isso, meu

querido filho! . . . Porventura, quererás tu deshonrar o teu nome, combatendo contra o rei teu pae e senhor?! . . . Porventura será essa a recompensa de tantos beneficios que d'elle tens recebido?! . . . Ah! meu querido filho, quando já tantos trabalhos lhe trazem o corpo enfermo, quererás ainda abreviar-lhe os dias com tantos desgostos?! . . . Se esses são os fructos da tua mocidade, não esperes que a maldição de um pae te possa fazer tambem desgraçado na tua velhice! . . . Attende pois aos rogos d'esta tua extremosa mãe, porque algum dia tambem poderás ser um pae desditoso, e castigarte-ha Deus então com a desobediencia de teus filhos! . . . O que poderás ganhar, meu querido filho, d'estes combates insensatos e crueis?! . . . Porventura serão isto glorias para um futuro rei de Portugal?! . . . Serão isto os exemplos para deixares aos nossos vindouros?! . . . Ah! De tudo isto, filho querido do meu coração, só terás a ganhar o descredito do teu nome com o sangue derramado entre parentes, que afinal todos são portuguezes! . . . *(Apontando para os mortos)* Eis ali o resultado d'estas contendas, cujo sangue pede vingança ao céu contra os teus desatinos! . . . Embainha, pois, de envergonhado, essa tua espada, e reserva-a para mais honrados feitos, e não mais provoques a maldição de Deus sobre tua cabeça! . . .

D. AFFONSO

(Muito commovido). Ah! . . . Basta, minha boa e

santa mãe, basta... que eu desde já aqui me entrego prisioneiro de guerra em vossas mãos com todo o meu exercito!

RAINHA

Bemdito seja Deus que tocou o teu coração!...
(D. Affonso apeando-se ajuda a desmontar a rainha, que logo o abraça com ternura). Filho, cumpre sem demora pedir perdão a teu pae e prestar-lhe a mais completa obediência, porque elle tudo te ha de perdoar ao conhecer o teu sincero arrependimento.
(Tomando-lhe as mãos). Vamos... vamos... querido filho...

D. AFFONSO

(Ainda mais commovido). Sim, minha santa mãe, eu vos acompanho. *(Voltando-se para os seus)*. Senhores, vamos prestar obediencia a El-rei meu pae, porque me considero agora um filho rebelde. *(Segue com a rainha e mais comitiva e D. Diniz vem ao seu encontro, que tem logar ainda na frente da scena. O principe, ac chegar ao pé de D. Diniz, lança-se de joelhos a seus pés, buscando beijar-lhe as mãos)*. Meu pae e senhor!... Aqui tendes a vossos pés o filho rebelde... podeis agora mandar castigal-o para desagravo das muitas offensas que vos tem feito!...

D. DINIZ

(Tomando-o affectuosamente nos braços). Ergue-te, querido filho, que um pae é sempre bom quando

sabe perdoar, e eu te perdôo porque te mostras arrependido. (*Tambem fica muito commovido*).

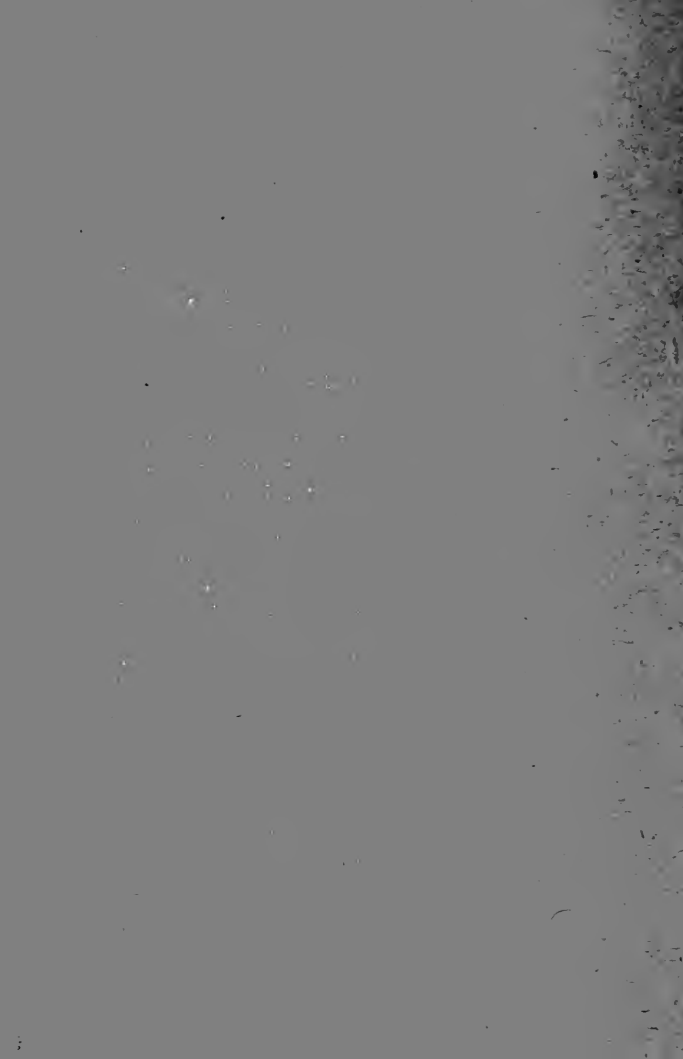
D. AFFONSO

(*Depois de erguer-se fica por um momento com os braços cruzados e a cabeça baixa*). Mas senhor, as minhas faltas tem sido taes, que bem merecem o castigo!

D. DINIZ

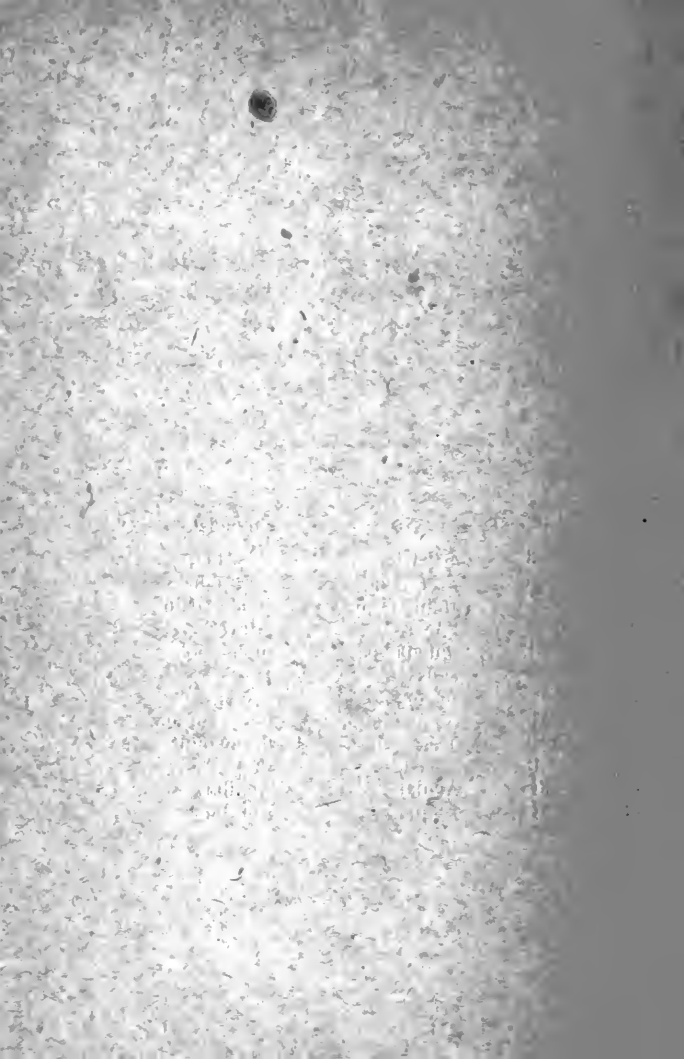
Meu filho, nunca são grandes as faltas, quando é sincero o arrependimento. (*Aos seus ajudantes*). Senhores, mandae tocar a triumpho, que mui grande foi elle hoje para todos!... (*Com transporte de alegria*). Esposa, filho... a meus braços, para mais completa ficar esta victoria!... (*Formando todos tres um grupo, conservam-se assim por algum tempo, enquanto tocam as musicas dos dois exercitos, cahindo depois o panno ainda ao sóm da marcha guerreira*).

FIM DO DRAMA



ERRATAS

Pag.	Linhas	Erros	Emendas
16	3	Abartos	Abertos
"	6	gerarchia	Jerarchia
18	4	Industrado	Industriado
20	12	Alegros	Alegres
"	21	mundados	mundanos
24	20	suus	suas
29	11	ordonares	ordenares
35	14	meu tempo,	meu tempo.
49	19	desmandos ;	desmandos.
64	10	desvios.	desvios,
67	31	Aguiar	Aguiar
68	11	Aguiar	Aguiar



sabe perdoar, e eu te perdôo porque te mostras arrependido. (*Tambem fica muito commovido*).

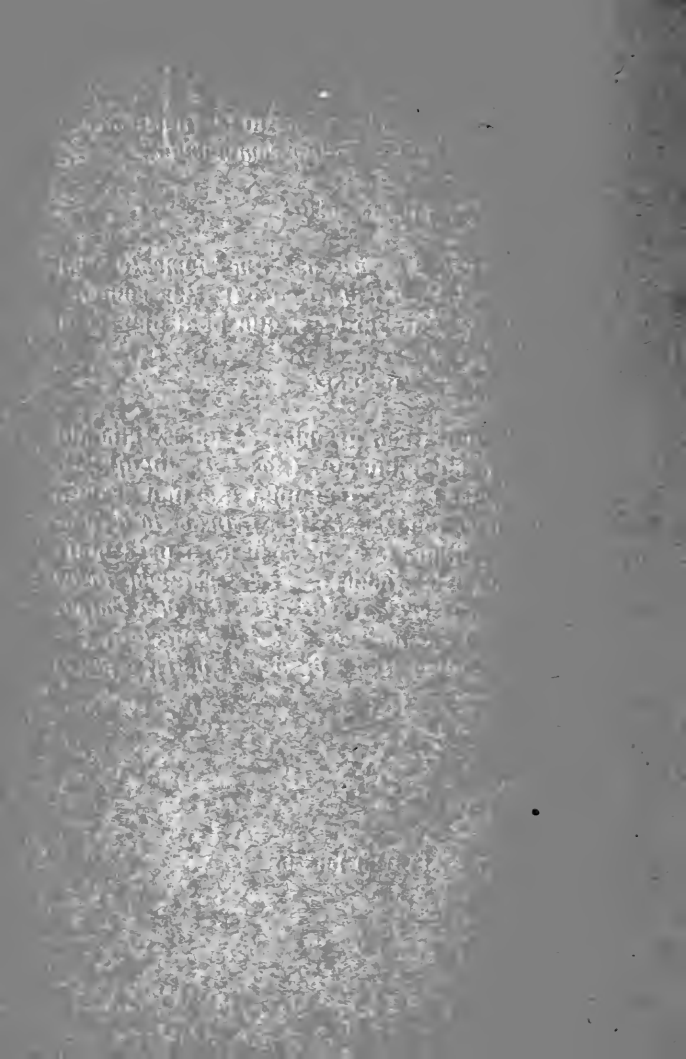
D. AFFONSO

(*Depois de erguer-se fica por um momento com os braços cruzados e a cabeça baixa*). Mas senhor, as minhas faltas tem sido taes, que bem merecem o castigo!

D. DINIZ

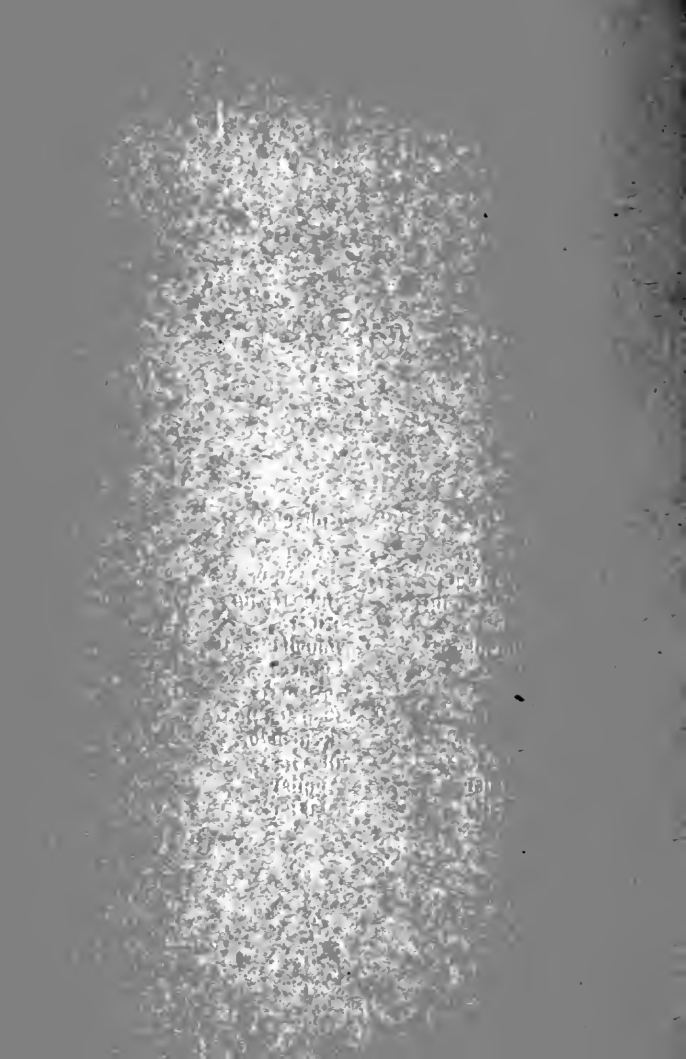
Meu filho, nunca são grandes as faltas, quando é sincero o arrependimento. (*Aos seus ajudantes*). Senhores, mandae tocar a triumpho, que mui grande foi elle hoje para todos!... (*Com transporte de alegria*). Esposa, filho... a meus braços, para mais completa ficar esta victoria!... (*Formando todos tres um grupo, conservam-se assim por algum tempo, enquanto tocam as musicas dos dois exercitos, cahindo depois o panno ainda ao sôm da marcha guerreira*).

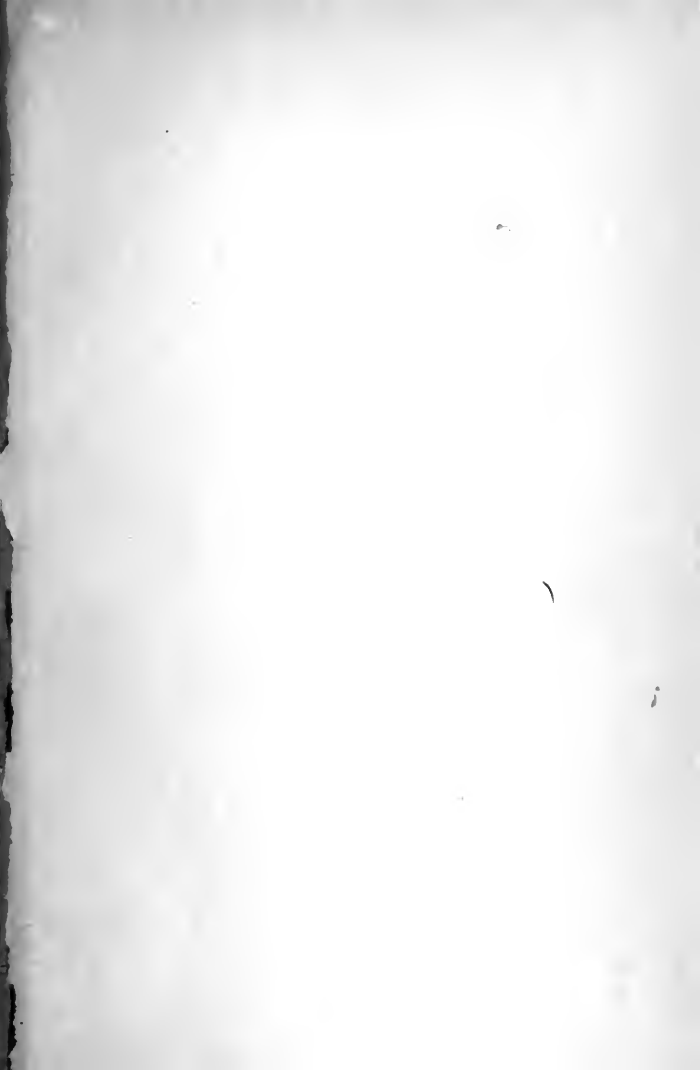
FIM DO DRAMA



ERRATAS

Pag.	Linhas	Errós	Emendas
16	3	Abartos	Abertos
»	6	gerarchia	Jerarchia
18	4	Industrado	Industriado
20	12	Alegros	Alegres
»	21	mundados	mundanos
24	20	suus	suas
29	11	ordonares	ordenares
35	14	meu tempo,	meu tempo.
49	19	desmandos ;	desmandos.
64	10	desvios.	desvios,
67	31	Aguiar	Aguiar
68	11	Aguiar	Aguiar







PQ
9261
L424R3

Leite Machado, M.
Rainha Santa Isabel

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
· 39 10 05 03 03 001 0